

Começa o mais difícil: investigar a guerra entre os índios.

A Polícia Federal começa hoje as investigações sobre a luta entre caingangues no Sul. Texto de Francisco Oliveira, enviado especial.

Pais atiraram contra filhos, primos contra primos e irmãos contra irmãos, pois as facções em luta são, na verdade, das mesmas famílias. Os caciques, por exemplo, Ivo Ribeiro e Domingos Ribeiro, são primos. E é nesse ambiente que a Polícia Federal começa hoje a trabalhar, investigando a luta entre os índios caingangues das reservas de Guarita e de São João do Irapuá, a pouco mais de 500 quilômetros de Porto Alegre. Cinco índios morreram e 13 ficaram feridos nessa luta, ocorrida quinta-feira de manhã; os mortos eram quase todos velhos, eliminados friamente a tiros e pauladas.

Paralelamente às investigações da Polícia Federal — investigações difíceis, porque uma facção acusa a outra e ninguém assume a responsabilidade pelo primeiro tiro —, deve começar também nestes dias o desarmamento nas reservas. Mas, avisados disso, os índios prometem continuar adquirindo armas, que são fornecidas por brancos interessados nas terras ocupadas pelos índios e na madeira lá existente. Também se espera para qualquer momento uma intervenção federal nas reservas, havendo opiniões de que apenas o Exército teria condições de tomar conta da área. De qualquer forma, se as providências demorarem, haverá o risco de novos confrontos, conforme os índios dos dois lados já avisaram.

A Funai e a Brigada Militar do Rio Grande do Sul foram avisadas inúmeras vezes do perigo de um conflito, mas nada fizeram para evitá-lo. Além das divergências entre os caciques das duas reservas, a luta teve como pano de fundo a disputa pela madeira e pelas áreas arrendadas que lá existem. Até um funcionário da Funai, recentemente reconduzido para um dos postos, foi denunciado como envolvido no roubo de madeira, embora conteste isso e desafie os denunciantes a provar.

As provas da omissão da Funai e da Brigada

Cinco adultos, quase todos velhos, foram mortos brutalmente em batalha, pela mão de parentes. Afinal, por aquelas bandas, são quase todos Ribeiro, Claudino, Bento, Leopoldino, Sales e alguns poucos sobrenomes mais.

O conflito, que surpreendeu todos e que foi um verdadeiro massacre, vinha sendo preparado às escondidas. Quando estava para estourar, a informação vazou, mas inutilmente. A Funai, que tem uma rígida tutela sobre os índios, e a Brigada Militar, que tem por missão intervir em questões dessa ordem, foram avisadas. E nada fizeram.

Eis algumas provas da omissão das autoridades, em que pesem os inúmeros apelos que receberam para tomar providências:

Prova 1: Domingo, dia 29, os chefes dos postos da Funai nas reservas Guarita e São João do Irapuá, Rui Cotrim Guimarães e Lídio Della Betta, enviaram um telegrama para o delegado da Funai no Rio Grande do Sul, Severino De Toni, que trabalha em Porto Alegre, pedindo providências urgentes, pois haveria um conflito. E, se essas providências não fossem tomadas, colocariam o cargo à disposição. De Toni confirmou o recebimento da mensagem.

Prova 2: Ainda no domingo, o filho do cacique Domingos, Neri Ribeiro, telefonou para De Toni, com alerta semelhante, dizendo que segunda, no máximo terça-feira, estouraria o conflito. Também de nada adiantou. Depois de contatos os mortos, Neri fez novo contato: "Pois é, seu De Toni; eu tinha dito que não passava de segunda ou terça, mas passou. E chegamos à quinta e agora nós estamos de luto aqui". De Toni, como gosta muito de fazer, perguntou que solução achava que se poderia tomar.

O diálogo que se seguiu foi mais ou menos o seguinte:

Neri: "Uma intervenção..."

De Toni: "Isso vai depender da direção da Funai e dos antropólogos."

Neri: "Por depender dos antropólogos é que estamos aqui em pé-de-guerra".

Muito chefe

Prova 3: No mesmo domingo houve um incidente grave, que resultou em um índio ferido. Ele era da tribo de Ivo, que na segunda-feira achou melhor ir a Porto Alegre entrevistar-se com o delegado para alertar que poderia haver consequências. Também ligou para Brasília, onde o presidente da Funai não estava. Falou então com o coronel Guarani e disse: "Você tem que tirar, um chefe do posto. Nosso avô, bisavô, não tinham dois caciques. Tem que existir só um cacique e um chefe no posto. Tem que se recolher um chefe, o Rui, que é muito covarde." O coronel, segundo o cacique disse: "Sobre este pedido, vou falar com o delegado". O delegado respondeu, em entrevista: "Não depende de nós, mas da comunidade indígena; quanto a tirar um chefe, também não, porque um grupo quer sua permanência e o outro não". Ivo, com tudo isso, perdeu a paciência e ontem afirmou: "Culpo tudo na Funai, que demora muito para ver os problemas. Só quando a coisa acontece, é que vão ver o que aconteceu. O pessoal da Funai é muito agitador."

Foi o seguinte, segundo as duas versões, o incidente de domingo, que acabou levando as duas reservas à luta:

Versão 1: de Ivo Ribeiro, cacique do Irapuá: o "capitão" Santo Key Claudino, que era "oficial" na reserva controlada por Domingos, mudou-se para a área de Ivo. A mudança foi colocada num caminhão, cercado pelo cacique Domingos e sua "polícia", antes da saída. Mandaram descer os porcos e uma vaca, ou atrairiam. Os animais foram levados para a escola agrícola que funciona lá. "É a lei do comunista prender as coisas dos índios. Nós já tínhamos combinado não prender coisas dos índios de mudança", segundo Ivo. Dias antes, a "turma" de Domingos fez uma "picada" no local, que considerava deveria ser a divisa entre a Guarita e Irapuá. Para tomar satisfações sobre as duas coisas — o confisco e a demarcação arbitrária —, Ivo mandou a Guarita uma comissão: quatro índios, liderados pelo "major" Laurindo Emílio e o chefe do posto, Lídio, incluindo o índio Santo. Foram recebidos pelo cacique Domingos, pelo "coronel" José Claudino e outros. Samuel e Gabriel Claudino, filhos de José, deram bofetões em Santo e em Antônio Claudino, seu tio. Este caiu e levou um forte chute na cabeça, precisando



Tranquilidade nas reservas, só entre as crianças. Para os adultos, o ambiente é de tensão.



O pessoal do cacique Domingos Ribeiro e... de Ivo Ribeiro.



Agora, policiamento nas reservas. A criança menor, órfã por causa da luta.

de ser internado. Eram mais de 20 para atacar os cinco, que correram.

Versão 2: do cacique Domingos Ribeiro, da Guarita: Antônio Claudino, o que saiu ferido, é quem agrediu o filho do "coronel" da Guarita, José Claudino. Além disso, Santo, o que fugiu, não levou a autorização que, segundo se convencionou, todos que mudam devem ter, e ainda devia uma importância para o cacique Domingos. Estava envolvido nuns arrendamentos irregulares, pois teria arrendado a mesma área para três colonos e ainda por cima colheu a produção do que conseguiu plantar, comprando um revólver e uma camionete e sem pagar o restante, fato contestado do outro lado. Segundo Ivo, Domingos deu uma área de 25 hectares a Santo, que arrendou; e, ao mesmo tempo, para seu cunhado, Orides Ribeiro, que arrendou para mais dois colonos.

Preparativos

Depois da brigada, a confusão estava formada. A notícia, ao chegar a Irapuá, foi recebida como um fôlego contra um barril de pólvora. Há cinco meses, os índios haviam suspenso os plantios para preparar-se para o confronto. Há 30 dias, as crianças deixaram de ser levadas para as escolas, para "tirar guarda", perdendo o ano letivo. Na quarta-feira seguinte, cerca de 150 índios reuniram-se com Ivo e comunicaram que queriam ir à guerra, entrar na Guarita e prender Domingos, Francisco Ribeiro e outros que, segundo acreditavam, deveriam ser "executados", ou seja, presos e punidos. Ivo disse que não poderia autorizar, mas também não proibiu. Durante o dia, os vigias encarre-

gados de percorrer a divisa já tinham encontrado por perto dois caminhões com 12 índios de Domingos, armados, o que havia aumentado a inquietação. Ficou decidido, então, que partiriam no dia seguinte, cedo, para o confronto, numa decisão, segundo nota que divulgaram, da "comunidade". Por outro lado, prenderam o índio José Pinto, que morava na divisa, e prometeram matá-lo a tiros, depois de entrar na reserva de Domingos, não o fazendo apenas porque ele, no começo do tiroteio, conseguiu fugir.

Prova 4: Neste dia — quarta-feira —, o chefe do posto do Irapuá, Lídio, procurou o comandante do destacamento da Brigada Militar em Miraguai, a quatro quilômetros dali, comunicando sua preocupação e pedindo providências. Resposta: não era possível fazer nada. E, em Porto Alegre, o delegado da Funai recebeu o cacique Domingos, que insistiu no alerta de que alguma coisa estava por acontecer. Domingos e Ivo falaram, então, por telefone para que os ânimos se acalmassem. Quando Domingos chegou de ônibus à região, um veículo com policiais da Brigada o aguardava. Ele foi escoltado até a frente da reserva.

Prova 5: Na madrugada de quinta-feira, dia de Corpus Christi, o delegado da Funai telefonou para o comandante do destacamento da cidade de Tenente Portela, sargento Noêmio, pedindo que ficassem atentos, porque alguma coisa estava por acontecer. Os policiais de Miraguai também já estavam alertados.

Violência

Pois foi justamente próximo a este

destacamento que passaram dois caminhões e uma camioneta com quase 100 índios armados com revólveres, espingardas, porretes, facões, foices etc., para o confronto.

Eles foram vistos pelo índio, Francisco Ribeiro, quando retornavam de uma cidade próxima para Guarita. Apressou-se em comunicar ao cacique Domingos que colocou a tribo de prontidão, enquanto um grupo saía em direção a Tenente Portela, para pedir ao sargento Noêmio que enviasse imediatamente reforços para a área a fim de evitar o confronto. Eram quase 11 horas da manhã e o sargento acabava de levantar-se, explicando que se havia deitado tarde e ainda precisava barbear-se e arrumar-se. Quando resolveu sair, eram mais de 12 horas. O massacre já tinha ocorrido e seu trabalho foi apenas juntar os corpos e esperar o exame pericial. Depois de os fatos consumados, foram colocados quase 40 policiais nas duas reservas, que ficaram lá até que as coisas se acalmassem ou o Exército entre.

A entrada da reserva Guarita fica ao Norte de Miraguai, a sete quilômetros da sede do município, e a 11 da reserva de São João do Irapuá, ao Sul. O pessoal de Ivo atravessou a porteira principal e um pequeno grupo de homens ficou encurralado atrás da camioneta, no alto de um morro. Os outros foram mandados a pé ao encontro de Domingos. Os velhos na frente, porque, segundo Antônio Sales, um dos combatentes, "são mais calmos que os novos e, assim, dávamos uma prova de que queríamos a paz". Entre os

que foram colocados na linha de frente, encontrava-se o próprio pai do cacique Ivo, Gumercindo Ribeiro. E havia ainda crianças. Segundo Ivo, foram com as mãos levantadas, puxados pelo "major" Laurindo Emílio. Ao encontro deles foi o "coronel" José Claudino. Depois disso, cada um puxa a sardinha para sua brasa. Um lado diz que o major deu uma paulada na cabeça do coronel, depois de empurrá-lo, e o outro diz que o coronel fez dois disparos contra o major. Cada lado diz que o cacique do outro é que mandou atirar. O cacique Ivo Ribeiro, no entanto, não se encontrava lá. Foram 20 minutos de tiros, pauladas, foçadas, facadas e luta corporal, envolvendo velhos, crianças e mulheres (dona Joana, a mulher do cacique Domingos, foi vista atirando). No final do confronto, estavam mortos a tiros (seguidos dos golpes de misericórdia a pauladas): Ramon Bento, 62 anos; Sebastião Carvalho, 60 anos; Sérgio Bento, 62; José Leopoldino, 28. No Hospital de Santo Ângelo, na sexta-feira de madrugada, também morreu com a cabeça esfacelada Vicente Fougue, de 63 anos; seu irmão, Ernesto, nas mesmas condições e mais velho, está internado, desenganado, no mesmo local. Outros 12 índios ficaram feridos, dos quais seis do lado de Domingos. Eram 150 os índios de Ivo, que ficou com todos os mortos e mais feridos, contra 35 a 40 de Domingos, que levou a melhor.

Entre os apontados como assassinos estão Santo Joaquim e Ordes Ribeiro, encarregados de terminar de matar a pauladas os índios adversários caídos com ferimentos a bala; e Sebastião Alfaiate, Armando Ribeiro, Roque Claudino, Gabriel Claudino e Arnildo Ribeiro, que utilizaram diversas armas. Os nomes foram dados à Funai com a informação de que existem dezenas de armas na reserva, vendidas por brancos, em grande parte por Armando Tirrone, e a munição conseguida pelo índio Francisco Ribeiro, que trabalhou na Brigada Militar, mas o órgão disse que nada poderá fazer. Somente a Polícia Federal, que hoje começa a instaurar um inquérito para apurar o que aconteceu, é quem poderia tomar alguma iniciativa, segundo o delegado Severino De Toni. A PF, no entanto, deixou a reserva na sexta-feira, depois de solicitar ao comandante do 7º Batalhão da Brigada Militar em Três Passos, que lhe desse apoio e fizesse o desarmamento — aliás, solicitado anteriormente pelos índios e não atendido —, mas o tenente-coronel PM, Carlos Henrique Bressan, explicou que não poderia fazer nada sem a presença do presidente do inquérito, que somente volta hoje à reserva. E mesmo assim, sem muito respaldo, pois é uma área sob jurisdição federal, para onde foi solicitada interferência de uma força estadual.

Intervenção?

O delegado da Funai, de sua parte, já não está na área. Ele voltou para Porto Alegre, de onde hoje mandará a Brasília seu relatório, informando que tanto os índios como os prefeitos da região e ele são favoráveis a uma intervenção. Não sabe em que termos, pois isso dependerá da presidência do órgão e dos antropólogos. Não deixou qualquer solução, a não ser cem mil cruzeiros em cada reserva para as necessidades imediatas, uma importância ridícula, mas tudo o que, segundo ele, foi possível arrumar. Hoje, haverá novo reforço.

A área foi, portanto, deixada pela autoridade que tem a tutela dos índios, num momento de grande tensão. O cacique Ivo e seus conselheiros, os índios mais velhos, não afastam a possibilidade de uma vingança. Não haverá nada, dizem, se ficar apenas um cacique, um chefe, e presos e afastados da reserva todos os índios que participaram do massacre no lado de Domingos, inclusive o próprio. Se isso não acontecer, haverá novo confronto. Até as viúvas, que ficaram com um total de 21 filhos órfãos, a maior parte menores (um deles, Edmar, filho de Sérgio Bento, começando a engatinhar), pretendem, inclusive, ir a Brasília se as providências demorarem. A tensão poderá aumentar, na medida que diminui o período próprio para o plantio de inverno, porque os índios querem uma solução antes de começar a semear o trigo e outros produtos. Faltam, portanto, muitos poucos dias.

Os problemas começaram quando a comunidade, ainda não dividida, afastou em agosto do ano passado o ex-cacique Sebastião Alfaiate, porque ele controlava uma área muito grande, toda arrendada. Para seu lugar, foi eleito Ivo Ribeiro, com a oposição de um grupo ligado a Domingos, seu primo. Quando a dissidência aumentou, em janeiro deste ano, cerca de 300 velhos e crianças deixaram a reserva e refugiaram-se no salão paroquial de Miraguai, porque havia a possibilidade de um conflito. A Funai, em apenas um dia e apressadamente, separou a reserva em duas, como já havia feito ao criar dois postos, em fins de 1981. Para Irapuá, ao Sul de Miraguai, foi a turma de Ivo Ribeiro, que era o cacique. Em Guarita, ao Norte, ficou Domingos com seu grupo. Na época, Ivo protestou e até hoje diz que, enquanto não se voltar a ter apenas um chefe, um cacique e uma reserva, podem surgir problemas a qualquer momento.

Disputa: a madeira.

Mais ou menos 13 mil hectares do total das duas reservas têm muita madeira, com bom mercado: angico, canela, guatambu, cabreúva, louro e cedro. Este é o pano-de-fundo de toda a briga. A maior parte ficou do lado Sul, com Domingos, enquanto no Norte se concentrou a maior parte da área mecanizável, arrendada a colonos. E é no Sul que está a serraria, anteriormente explorada comercialmente pela Funai (que nunca reverteu os recursos em favor da comunidade), e atualmente sob controle dos caingangues. Os roubos de madeira ali são constantes, geralmente beneficiando os índios que ocupam postos-chaves. Um exemplo: a reserva Norte não leva a madeira para o Sul, onde está a serraria. Coloca-a no mercado, mesmo sem as guias legais do IBDF, fazendo um intracado jogo de notas. Uma fonte judicial de Tenente Portela: "A madeira é a causa de tudo. Se forem a fundo nesta questão, vão constatar muita sujeira". A Funai, sobre isto, omite-se completamente, mesmo tendo feito ela a divisão da reserva. Explicação do delegado: "Os limites foram fixados por consenso dos índios".



jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

06/06/83